

**VER, FAZER, CONTEXTUALIZAR NO TEATRO:
AÇÃO PEDAGÓGICA NO CCA IRMÃ DERLY FABRES**

*SEEING, DOING, CONTEXTUALIZING IN THEATER:
PEDAGOGICAL ACTION AT CCA IRMÃ DERLY FABRES*

*Diego Leme Bergocce
Giovanna Lucchesi Alves Balio
Laís Santos Miranda
Luan de Andrade Duarte Cabral¹*

RESUMO

O artigo discute, mediante a aplicação de um processo de ensino aprendizagem em teatro dentro do CCA Irmã Derly Fabres, localizado na região do Baixo do Glicério, em São Paulo (SP). Voltado para crianças e adolescentes, o projeto é desenvolvido a partir das bases da Arte-Educação no Brasil, voltado para a área do teatro, fazendo uso da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. A partir das possibilidades de experiência artística apresenta e discute os procedimentos desenvolvidos na instituição aplicando a tríade: Ver, Contextualizar e Fazer.

Palavras-chave: Arte Educação, Ensino de Arte, Teatro, Abordagem Triangular.

ABSTRACT

This article discusses, through a practical application, a teaching learning process in Theater at an NGO (Non-Governmental Organization), situated in the region of Baixo do Glicério in São Paulo (SP). Aimed to children and teens, the project is developed from the fundamentals of Art Education in Brazil, leading towards the theater field, through Ana Mae Barbosa's Triangular Approach. Mid the possibilities of artistic experience, announces and argues the developed procedures at the institution stemming from the triad: Seeing, Contextualizing and Doing.

Keywords: Art Education, Art Teaching, Theater, Triangular Approach.

Este artigo apresenta uma ação de ensino-aprendizagem em Teatro-Educação realizada no Centro da Criança e do Adolescente (CCA) Irmã Derly Fabres.

O grupo que desenvolveu este artigo é composto por quatro participantes, todos

¹ Licenciandos em Teatro na Universidade Anhembi Morumbi/SP, turma ingressante em 2020. Este artigo é uma das etapas do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Anhembi Morumbi, no segundo semestre de 2023, sob orientação do Prof. Dr. Robson Lourenço.

formandos do Curso de Teatro da Universidade Anhembi Morumbi. Ao longo da formação, percebemos afinidades compartilhando vivências nos estágios realizados, quando identificamos a experiência de todos com o público infantil e essa foi a maior inspiração para seguir com a pesquisa.

Desde a colonização, os recursos artísticos padronizaram uma realidade distinta das vivências dos povos originários. O desenvolvimento de crianças e adolescentes, por muitos anos somente de famílias ricas da elite advindas dos portugueses e espanhóis, geravam a partir da arte, narrativas artísticas contadas e reproduzidas por não-brasileiros. A escolarização da Arte, mais para frente discutida por tempos cronológicos, neste artigo, é realizada em nichos burgueses que tinham acesso a informações e escolarização. Além disso, o pensamento educacional reside em tentativas de padronização de sujeitos, silenciamento de individualidades, de ações e reações não democráticas e desvalorização da potencialidade do coletivo na progressão da sociedade.

A partir do processo histórico de redemocratização e reforma educacional do Brasil, Ana Mae Barbosa estudou as realidades da educação artística, procurou compreender sua evolução e desenvolveu uma estratégia implementando propostas educativas que não se apoiam na cultura de padronização elitizada que vem da ideologia modernista.

Ana Mae Barbosa, sistematizou uma nova abordagem educacional, que consiste na aproximação de uma experiência de ensino de arte que não esteja focada somente no fazer, pois o fazer por si só, como era defendido no modernismo "torna-se facilmente uma experiência incipiente por não contribuir de maneira reflexiva sobre o aprendizado..."(SILVA e LAMPERT 2016, p. 93). Sendo assim a abordagem triangular se ancora em três pontos: Ver, fazer e contextualizar:

A abordagem triangular se referiu a melhoria do ensino da arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens (compreendendo o campo de sentido da arte) e a contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual sociocultural. (SILVA e LAMPERT, 2016, p. 90).

A educadora parte do pensamento de John Dewey, pensador e educador norte-americano, e nota que é peça fundamental para o desenvolvimento de uma educação progressista. A ênfase na experiência, mais especificamente da arte como

experiência, e na comunicação, como bases para um ensino que foca no educando, no pensamento empírico, torna necessário o estudo do pesquisador para compreensão do ensino de Arte e suas consequências em uma civilização latino-americana, brasileira, paulistana.

O conceito de experiência modela as propostas educacionais de Dewey: “em uma sociedade democrática, o problema da educação é acabar com o dualismo e construir um plano de estudos que faça do pensamento um guia de prática livre, para todos (...)” (DEWEY, 1959b, p. 45-46 apud FONSECA/TOSTA, 2019, p. 243).

Ao destacarmos este recorte, devemos explorar brevemente o meio educacional dentro de um contexto de pesquisa, por isso, com a divisão em três períodos: pré moderno, moderno e pós moderno, quando iremos ressaltar o pós modernismo pois a educadora Ana Mae Barbosa e sua visão de Abordagem Triangular se aplicam nessa fase:

A Proposta Triangular foi sistematizada a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade. A Pós-Modernidade em Arte/Educação caracterizou-se pela entrada da imagem, sua decodificação e interpretações na sala de aula junto com a já conquistada expressividade. (BARBOSA, 2003, p. 08).

O período pós-modernista é caracterizado por uma educação que busca formar cidadãos com pensamento crítico, e o professor tem o papel de focar no aluno e suas individualidades a partir do contexto social em que ele está inserido, a partir de sua vivência cotidiana.

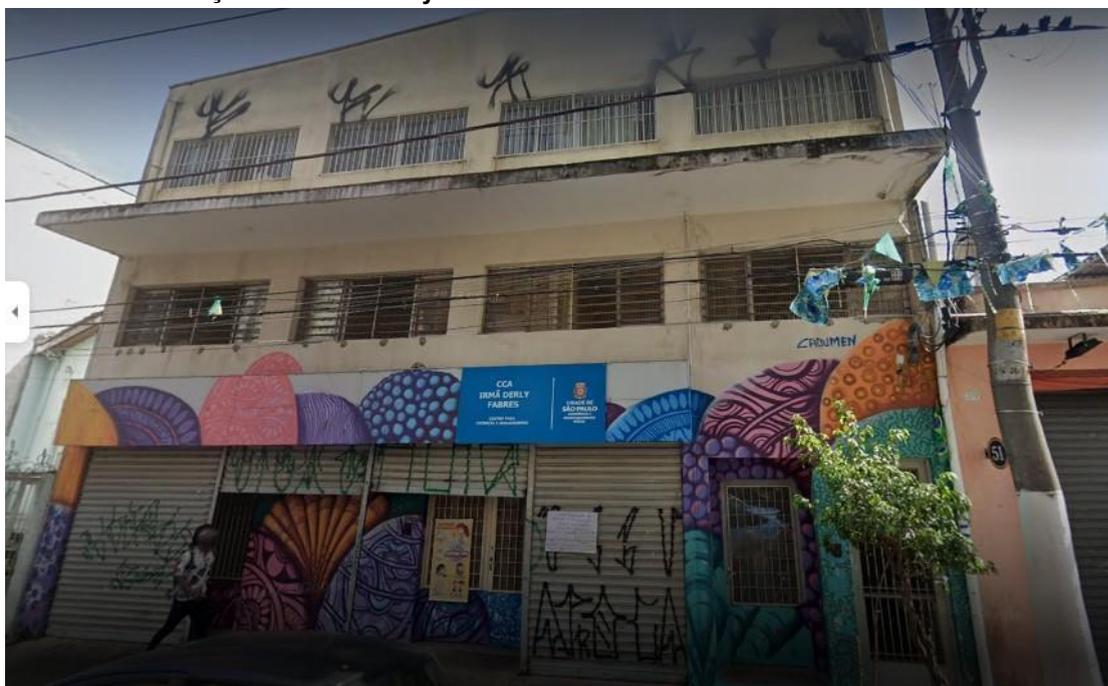
O Teatro, então, como uma das manifestações de linguagens artísticas, é o mecanismo escolhido para ações educacionais que visem esse desenvolvimento.

1. O CONTEXTO DO CCA IRMÃ DERLY FABRES

O local onde foi desenvolvido o projeto de ensino aprendizagem deste artigo é o Centro da Criança e do Adolescente (CCA) Irmã Derly Fabres que se encontra localizado na Rua São Paulo, 269, no bairro da Liberdade em São Paulo. O CCA fica localizado na zona central do município de São Paulo e a área de sua localização

também é conhecida como a região da Baixada do Glicério. A seguir apresentamos uma foto da fachada do CCA.

Foto 1: Fachada da instituição CCA Irmã Derly Fabres.



Fonte: Google Maps.²

A instituição está localizada em um prédio comercial colorido de amarelo leve, com quatro janelas dispostas em dois andares. Com portões automáticos, o andar térreo constitui-se de um bazar e também a entrada para acesso ao local. Com uma placa azul escrita com o nome da instituição, juntamente ao longo da Prefeitura do Município de São Paulo, a fachada apresenta desenhos coloridos, que dão maior destaque ao prédio. Por dentro, temos um espaço que reúne quatro salas de aulas, duas salas para encontros pedagógicos entre equipe e pais dos alunos.

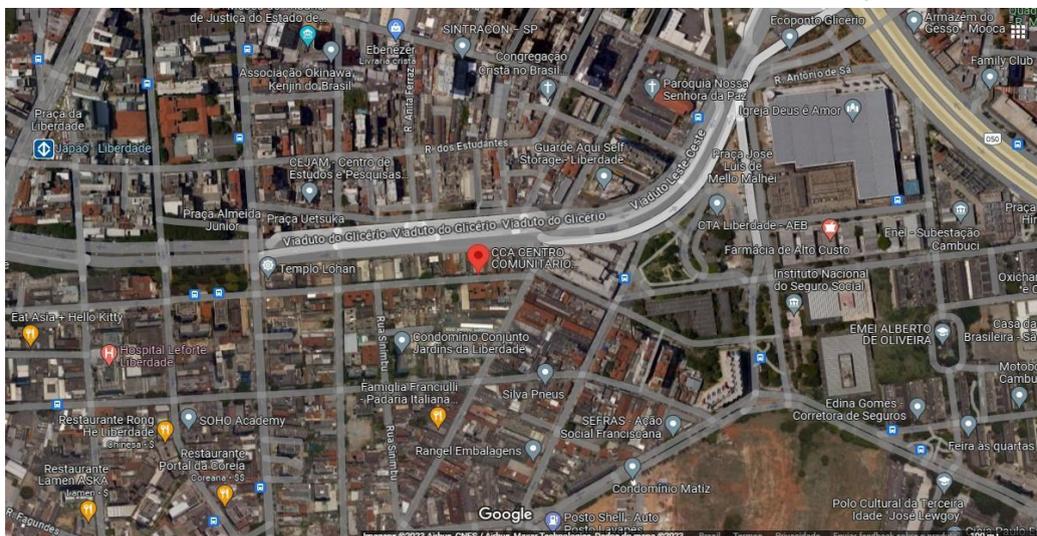
Há uma sala no segundo andar do CCA para realização de oficinas artísticas, e que foi utilizada para a operação do projeto. Em formato quadrangular, de boa iluminação com uma janela (que contém grades para evitar acidentes), de piso frio, mas com existência de tapetes de borracha para forrar, aparelhos eletrônicos como caixa de som e televisão, com ventiladores e um espelho que cobre quase por inteiro

² Acesso em 20 de outubro de 2023

uma das paredes.

A seguir apresentamos uma visão aérea do Baixo Glicério, junto da localização do CCA Irmã Derly.

Foto 2: Foto aérea do bairro Glicério com a localização da instituição CCA Irmã Derly Fabres.



Fonte: Google Maps³

A começar pela historiografia do bairro onde está situado, o CCA Irmã Derly Fabres fica localizado no bairro da Liberdade, região conhecida por forte influência asiática. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE⁴), o índice de desenvolvimento humano do bairro da Liberdade é de 0,963, que pode ser comparado com o índice de desenvolvimento humano do Canadá.

O bairro da Liberdade em São Paulo tem uma história de diversidade. No século XIX, era conhecido como Bairro da Pólvora, devido à Casa da Pólvora (um armazém de explosivos) construída em 1754. Originalmente uma área periférica, ligava o Centro de São Paulo a Santo Amaro. No bairro, havia o Largo da Força, onde ocorriam execuções por enforcamento.

Segundo Marcos Zibordi (2023), em 1870, o local foi renomeado Largo da Liberdade e existem duas versões para a origem do nome: uma relacionada a um levante de soldados em 1821 que reivindicavam o aumento dos seus salários à coroa portuguesa, onde os soldados Chaguinhas e Cotindiba foram condenados à forca, mas ao ver que as cordas que prendiam Chaguinhas estavam se soltando, as pessoas

³ Acesso em 18 de outubro de 2023

⁴ Informações obtidas no site <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em 18 de outubro de 2023.

começaram a gritar “liberdade! liberdade!”, e outra é uma referência à abolição da escravidão.

Em 1779, perto do Largo da Força, foi criado o primeiro cemitério público da cidade, dedicado aos indigentes e condenados à força, que funcionou até 1858. Inicialmente, a região era habitada por negros e ex-escravizados, abrigando organizações como a Frente Negra Brasileira (importante entidade do movimento negro brasileiro criada em 1931) e Paulistano da Glória (escola de samba criada em 1971). Porém, hoje o bairro da Liberdade é conhecido por seus elementos culturais asiáticos. Para entender isso é necessário entender a imigração japonesa⁵ no Brasil em 1908, quando o navio Kasatu Maru chegou ao porto de Santos e em 1912 os imigrantes japoneses começaram a residir na rua Conde de Sarzedas.

Um dos motivos da procura por essa rua é que quase todos os imóveis tinham porões, e os aluguéis dos quartos no subsolo eram muito baratos, imóveis esses que foram construídos por imigrantes portugueses e italianos no século XIX. Já nessa época começaram a surgir as atividades comerciais: uma hospedaria, uma casa que fabricava tofu (queijo de soja), outra que fabricava manju (doce japonês) e também firmas agenciadoras de empregos, formando assim a “Rua dos Japoneses”.

O bairro ficou conhecido como a maior habitação da comunidade japonesa na cidade, a qual, por sua vez, congrega a maior colônia japonesa do mundo, fora do Japão, tornando assim um ponto turístico da cidade de São Paulo e atraindo além de japoneses e nipo-brasileiros, pessoas de várias regiões do país, devido ao forte comércio de alimentos, roupas, utensílios, entre outros.

Hoje muitos japoneses deixaram de residir na região, mantendo apenas seus estabelecimentos comerciais. Com isso, o bairro passou a ser procurado também por chineses e coreanos, o que fez com que o bairro não fosse apenas conhecido como o “bairro japonês”, mas também como o “bairro oriental” de São Paulo.

Por outro lado, a história negra do bairro foi gradualmente se apagando depois da chegada dos japoneses. Apenas no ano de 2022 foi inaugurada⁶ a estátua de Deolinda Madre, conhecida como Madrinha Eunice, uma mulher negra que fundou uma das primeiras escolas de samba de São Paulo chamada “Lavapés”, no bairro da

⁵ Informações obtidas no site <http://identidadesp.com.br/liberdade/>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

⁶ Informações obtidas no site: <https://www.anf.org.br/110495-2/>. Acesso em 20 de outubro de 2023

Liberdade, e essa é a única homenagem à negritude na região.

Como falado anteriormente, o IDH (Índice de desenvolvimento humano) do bairro da liberdade pode ser comparado ao de países desenvolvidos, como Canadá. No entanto, a realidade do entorno do CCA é bem diferente do país situado na América do Norte.

Localizado a 800 metros da estação de Metrô Japão-Liberdade, há uma grande presença de casarões ocupados, moradias populares, barracas e carroças de trabalhadores informais tomando conta da rua na altura da instituição. Essa diferença pode ser notada também quanto mais vai se afastando do famoso centro comercial, conhecido pela grande presença da cultura asiática no Brasil, quando as lojas e cafés vão dando espaço para comércios menores e com menor estrutura de acabamento, também possui na região estações de trabalho com recicláveis e prédios abandonados. Do outro lado, há o viaduto do Glicério, local com forte presença de pessoas em situação de rua, o que mostra toda a vulnerabilidade e necessidade de apoio de políticas públicas dos moradores da região.

Inaugurado em 2015, o Centro de Convivência da Criança e do Adolescente Irmã Derly Fabres tem como apoio a organização da Associação Maria Flos Carmeli que tem como objetivo⁷ “promover atendimento às crianças, adolescentes e famílias em condições de vulnerabilidade e risco, desenvolvendo ações sociais e educacionais que contribuam com a inserção social e a melhoria de vida da comunidade Liberdade/Sé”, com isso o principal foco do CCA é contribuir no desenvolvimento e na formação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social com foco no conhecimento, reconhecimento, pertencimento, apoio e exercício da cidadania, promovendo atividades culturais e artísticas para não deixá-los ociosos.

Afastando os alunos da criminalidade e outros malefícios do contexto social que estão inseridos, com a utilização de conhecimentos artísticos, a instituição possui atendimento não somente às crianças e adolescentes, mas também conta com um programa de suporte para os familiares. Tendo como horário de atendimento de segunda à sexta das 8 horas às 17 horas, possui biblioteca e salas voltadas para a

⁷ Informações obtidas no site da Associação Maria Flos Carmeli. Disponível em: <https://floscarmeli.wixsite.com/amfcoficial>. Acesso em 18 de outubro de 2023

realização de oficinas com foco cultural, onde os professores que possuem desde conhecimento pedagógico e psicológico criam projetos promovendo e incentivando a cidadania e a leitura.

Como exemplo podemos citar o projeto Carroça da Leitura, onde os alunos criam cenas teatrais, contos, desenhos e realizam leituras com base em um tema de importância social e apresentam para os outros alunos. A unidade disponibiliza almoço e lanche da tarde para os alunos, onde os funcionários e profissionais envolvidos ajudam a servir o alimento e consomem juntamente com os alunos.

A instituição é uma Organização Não Governamental que recebe fundo público e tem caráter socioeducacional. Segundo o site do CCA Irmã Derly Fabres, o Centro é “um espaço de convivência, de atividades programadas a partir dos interesses, demandas e potencialidades dessa faixa etária”⁸. O público-alvo do CCA são crianças e adolescentes, de 6 a 14 anos de idade, dos gêneros feminino e masculino. Recebe estudantes de escolas públicas, residentes no contorno da instituição e se situam na condição de vulnerabilidade social.

A entidade atende atualmente por volta de 160 alunos, estes se apresentaram criativos, desejosos por atividades artísticas, enérgicos, questionadores e críticos. Ao indagar certas atividades propostas, os alunos se revelam com entendimento de criticar as ações da sociedade. Além disso, apresentaram gosto por desenhar, pintar, auxiliar os professores durante as aulas, receptivos às tarefas (por mais que em alguns momentos, poucos alunos buscam fugir das atividades).

Em relação ao corpo, à voz, ao teatro, os educandos demonstram necessitar de mais encontros com esse mundo artístico, com impulsos criativos, pois ainda precisam de auxílio para desenvolver mais a fala, no ponto de vista de como se colocar a fim de expressar sentimentos e sensações. Ao longo do contato com os educandos do CCA, notamos um foco a ser desenvolvido a partir da corporeidade, principalmente para reconhecer como seu corpo pode ser posicionado no espaço físico e social, e auxílio para acreditar em suas capacidades cognitivas de serem seres criadores e brincantes.

Carinhosos ou receosos, os alunos variam entre crianças que demonstram

⁸ Informações obtidas no site da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=324842. Acesso em 18 de outubro de 2023.

facilmente afeto aos educadores e às outras crianças, e aqueles que precisam de certo tempo para gerar mais confiança, o que também é importante a partir de uma visão sobre a segurança de seus corpos e mentes.

A organização, que apresenta em sua grande aulas de dança que ocorrem pela manhã e pela tarde, recebeu aulas de teatro em junho de 2023 do Programa de Imersão Dual, no qual seis alunos da turma de Teatro do sétimo semestre da Universidade Anhembi Morumbi, dois deste participam desta pesquisa, aplicaram oficinas de teatro para as crianças e pré-adolescentes.

Foi informado pelas coordenadoras da instituição que havia aulas de Teatro anteriormente na instituição. O CCA tem em sua grade um professor de dança contratado e também recebe estagiários do curso de dança da Universidade Anhembi Morumbi desde 2018.

Portanto, o CCA não apresenta uma estruturação que comporta o ensino de teatro, e este também é um dos motivos pelo qual a aplicação da pesquisa, nesse local, nos faz sentido.

O espaço demonstra interesse em desenvolver outra linguagem artística além da dança e veem o teatro como um dos caminhos para promover futuros adultos ativos socialmente, e criativos. Sem ignorar as realidades de seus alunos, o CCA, com métodos voltados para uma educação a partir da experimentação coletiva, da aplicação de conteúdos de forma mais dinâmica e sem individualismos, de conteúdos que reforçam o que são ensinados nas escolas de ensino formal, mas somados ao experimento ativo. Então, questionamos o porquê da ausência do ensino do teatro, como aplicar seus conteúdos e logo, quais resultados a prática de ensino e a aprendizagem de teatro apresentam no dia a dia do público-alvo.

2. SALA DE AULA

O conceito de arte como experiência como uma proposta educacional por Dewey é enriquecedora dentro de um processo ativo e participativo, sendo uma peça fundamental durante o processo de desenvolvimento infantil. Utilizando o teatro como uma manifestação de linguagem artística acaba se transformando em algo sensorial, cognitivo e emocional para a criança, como uma oportunidade para explorarem, experimentarem e se envolverem ativamente nas atividades propostas pelos

professores, a partir do conceito de Dewey desenvolvemos uma aula voltada aos nossos objetivos de priorizar e aguçar o lúdico e faz-de-conta da crianças.

A arte como experiência, como nos orienta John Dewey, é presente em nosso dia a dia, de fácil percepção e passível de críticas, se vista como uma diferenciação de uma prática inicial, ou seja, quando a prática artística levada com objetivo ser um acontecimento impactante, revelador e enraizado. De acordo com Dewey, “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p. 109), ou seja, a experiência é baseada em conexões entre pessoas e com a arte, sendo esta cotidiana, onde se atribui valor para o que presenciamos, conectando isso na busca por maior significado, e em constante evolução.

Isso pode ser notado como por exemplo, ao trazer o jogo esconde-esconde ou pega-pega para uma turma de crianças, não foi uma novidade para elas, mas reencenando com novas ações e propondo novas técnicas e formas geradoras de combustível para tornar a experiência ainda mais interessante, inovadora e significativa.

Com os objetivos de trabalhar a coletividade e desenvolver a solidariedade social e exploração do lúdico, da brincadeira a partir da exploração das potencialidades intelectuais de percepção, criatividade, desenvolver percepção do espaço e do corpo, exercitar a imitação e o faz de conta e demonstrar controle e adequação do uso do corpo em brincadeiras e jogos, as aulas ministradas no CCA Irmã Derly Fabres trouxeram o teatro como ação no contexto de aprendizagem das crianças.

As aulas no CCA, aplicadas nos dias 22 e 24 de novembro, baseadas na Abordagem Triangular, se iniciam com a anterior observação das turmas pelos professores, que os leva a compreender o desejo das turmas e da instituição de que todos os alunos possam vivenciar uma experiência teatral. Assim, o plano de aula consiste em ministrar a mesma aula para as quatro turmas, porém com adaptações requisitadas pelas idades. As impressões serão relatadas no diagnóstico presente após esta fase do artigo.

Para iniciar as atividades, os professores recebem os alunos, se apresentam, em roda, e comunicam que ali serão realizadas aulas e jogos teatrais. Em seguida, sentam na mesma formação e explica-se o que será visto pela próxima meia hora.

A contextualização da história do menino Abu, que permite que as crianças possam, mais pra frente, compreender as propostas cênicas requisitadas pelos professores, baseada em fatos reais, consiste na trajetória percorrida por um menino de 8 anos, dentro de uma mala, desde a Costa do Marfim até a Espanha. Segundo o jornal G1,

“Há poucos dias, uma das tentativas mais extremas de atravessar a fronteira foi da família de Abu. O menino de oito anos, da Costa do Marfim, foi encontrado pela polícia espanhola dentro de uma mala, no dia 8. O operador do raio-x da fronteira se surpreendeu ao ver a imagem”.⁹

Revertida para o teatro, o Coletivo O Bonde, de São Paulo, pelas mãos da dramaturga Maria Shu, reconta esse fato, ludicamente, em uma peça chamada “Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus”, para crianças e adultos. Questões sociais, econômicas e políticas, da juventude negra brasileira, também são expostas dentro do espetáculo.

Aqui, propagamos a ideia de Ana Mae Barbosa, de que, dentro da Abordagem, a contextualização:

Ela é uma coisa absolutamente imprescindível. Para viver no mundo, para estar no mundo, você tem que se contextualizar e contextualizar aquilo que você vive, aquilo que você conhece, enfim. Então, a gente vive dependendo dos contextos para tomar posição, e educação é contexto. (BARBOSA, entrevista pessoal, 16 de novembro de 2015 in SILVA e LAMPERT, 2016, p. 92-3).

A experiência por meio da arte, guiada por John Dewey e relatada por Ana Mae Barbosa, fomenta a cultura, a educação, a economia e o povo, ao integrar a apreciação artística, o questionamento lírico, a contextualização, a formação empírica opinativa e a expressividade singular e plural sobre a sociedade contemporânea, que desembocam em fazeres eficazes e transformativos politicamente.

Na televisão instalada na sala de aula, é assistido, pela primeira vez, um trecho da encenação do coletivo O Bonde. Dentro deste, os atores em cena trazem ao imaginário imagens de uma mulher, usando turbante, com uma criança nas costas, de um ovo de avestruz e de um cachorro. Logo em seguida, o ator que interpreta Abu começa a contar que sempre desejou ter um cachorro, e utiliza da mala que ganhou de

⁹ Informações obtidas no site G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/05/menino-achado-em-mala-na-espanha-vive-agora-em-centro-para-imigrantes.html>. Acesso em 15 de novembro de 2023

seu pai para transformar no animal.

Os professores, logo em seguida, pedem para os alunos prestarem atenção nas cores, nos objetos cênicos e nas falas. Que prestem atenção naquilo que os chamasse mais atenção. O vídeo é repassado novamente mais duas vezes. Então, é dito que se trata de uma peça de teatro, ainda sendo encenada pelo coletivo O Bonde.

A leitura da imagem é imprescindível, dentro da Abordagem Triangular, para desenvolvimento cognitivo das crianças. A alfabetização no processo do Ver é fundamental para a unificação entre o contexto e o fazer artístico, porque a visualização permite a estimulação, por meio de elementos, de signos, que possibilitam que a palavra, o som semântico ganhe força.

A escolha de utilizar uma peça brasileira, que reconta a história de um menino africano e que une os moldes brasileiros sociais, é um mecanismo que, além de abraçar o tangível para as crianças, por ser um grupo de teatro atuante, produz questionamentos e reflexões sobre seus cotidianos e suas pluralidades, descolonizando narrativas educativas europeizadas e assimiladas aos contextos socioculturais. Ana Mae Barbosa nos ilumina ao propor que:

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. Esta decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado. Preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara a criança para o entendimento da imagem quer seja arte ou não. (BARBOSA, 2005, p. 34)

Assim, ao contar a história, os professores elevam os elementos visuais como cores, objetos e animais, trazendo ao imaginário dos alunos e os preparando para a próxima etapa: o Ver. Esta escolha é fundamental para que a arte-educação esteja fortalecida na noção visual e empírica da experiência, e quais relações podem ser criadas a partir das impressões contempladas pela linguagem artística, como diz Barbosa:

Demonstra o quanto se pode entender o mundo, entendendo uma obra de arte do ponto de vista da relação entre os elementos visuais como linha, forma, claro-escuro, cor, unidade, repetição, equilíbrio, proporção, e do ponto de vista das características de construção com predominâncias diversas como agudeza, ordenação, emoção, fantasia, e também tendo em vista comportamentos apreciativos como empatia, distanciamento ou fusão com a obra de arte. (BARBOSA, 2005, p. 44)

Após a experiência de visualizar a história do menino Abu, ocorre o jogo “Pega-Pega”, este já presente nas brincadeiras cotidianas das crianças, reconhecidos por estas, mas agora integram comandos que permitem uma conexão com a história e a atividade. O direcionamento de ao ser pego, o aluno criar uma imagem marcante do que foi visto e dito, aguça a imaginação, o pensamento empírico se enriquece de reconhecimentos e lembranças, com figuras de cachorro, gato e até mesmo da própria mala do personagem.

“No entanto, quando o professor / artista em suas práticas pensa como um investigador científico, associando a prática criativa e pedagógica com a ação intelectual e relacionando o que foi feito com o que está por vir, pode perpassar e propiciar uma experiência singular / estética.”, explica SILVA e LAMPERT, reforçando a idealização de uma atividade que promovesse uma vivência teatral, estética e coletiva entre os alunos do CCA Irmã Derly Fabres, essencial para desenvolvimento criativo e crítico, objetivado na montagem do plano de ensino.

A proposta triangular também revela a existência de serpentear entre o Ver, Fazer e Contextualizar. Retornando para o contexto, é possível construir e potencializar o fazer, lembrando os caminhos percorridos até a prática. A retomada para a peça, ao assistirem mais um trecho, e então a contextualizar dos dois percursos apresentados, promove nas crianças novas impressões, lembrança do que já foi proposto e assim, a próxima etapa de Fazer está mais consolidada. Este novo trecho, que agora então conta a perspectiva de Abu dentro da mala e os percalços conflituosos, com a atriz dentro do objeto cênico, traz para primeiro plano os recursos cênicos, como imagens, cores, luzes, que serão utilizados para a brincadeira.

Então, quando os professores escolhem contextualizar novamente para os alunos, a triangulação ganha mais uma ponta, que auxilia na tonificação do jogo dramático, a partir do método de ziguezague, proposto por Barbosa.

Sempre retornando para esta fase, a compreensão do Fazer e Ver fortalece. Seja pela História; como neste plano de aula, com a contação de uma história real, que aponta conflitos socioculturais, e também pela explicação sobre o teatro, a peça e os elementos cênicos, os questionamentos sobre as vivências das crianças e sua aproximação com a arte; seja o processo artístico que retoma circunstâncias históricas, o contextualizar é necessário para que haja correspondência, sem restrições, entre os

jogos, as conversas, as encenações e as leituras empíricas.

Na quinta etapa, educandos e educadores, novamente, observam e pontuam a cena assistida. Acrescentado da outra etapa, o Ver, vivenciado duas vezes pelos alunos, todos os presentes reconstroem os dados apresentados pela performance, os destaques para os menores, quais materiais captaram maior atenção, e assim a estrada está pronta para o Fazer.

Após ser trabalhado os dois pilares da abordagem triangular, foi proposto um jogo teatral para trabalhar o fazer artístico.

Nele a ordem é a produção artística. O aluno realiza a prática do ensino das artes como artista, confeccionando/realizando a sua obra de arte para uso de sua iniciação e aprendizagem acerca da linguagem artística que está desenvolvendo. Exemplificando: o fazer artístico pode ser na linguagem teatral, musical, das artes visuais ou da dança, o critério é desenvolver no aluno as habilidades de criação propícia pela arte. (PORTELA, 2020, p. 5-6).

Pensando neste princípio da criação artística foi proposto o jogo da Amarelinha africana, o jogo se assemelha com a tradicional brasileira, no entanto possui algumas diferenças na execução. Quadrados desenhados no chão com fita formam 4 colunas e 4 fileiras onde os alunos deveriam, um a um, saltar dentro de cada quadrado, batendo palmas em cada salto, com o objetivo de passar por todas as fileiras. Sempre que um aluno completava a primeira fileira todos gritavam juntos “Olha Abu”, frase que fazia parte do trecho assistido anteriormente, e também o mesmo movimento que o personagem fazia ao falar essa frase, apontando o dedo mostrando uma “nuvem” no céu.

Foi realizado uma primeira rodada do jogo para entendimento dos participantes, em seguida, antes de recomeçar foi acrescentado um novo comando de que, conforme o aluno chegasse ao fim da amarelinha, o conhecido “céu”, deveria fazer uma das imagens vistas e descritas nos trechos da peça, e congelar nesta até todos terminarem.

A opção por trazer o fazer artístico com um jogo acrescido de elementos teatrais ao invés de cenas dramáticas, foi pensado levando em consideração a faixa etária dos participantes e suas experiências com teatro. No entanto, essa escolha não deixa de caracterizar a atividade realizada como uma criação teatral, sobre isso Ingrid Koudela afirma:

“A expressividade dramática evidencia a tendência do ser humano para a representação, experimentando papéis e vivendo situações. A capacidade de

representação dramática está presente tanto nos jogos de faz-de-conta quanto num espetáculo de teatro representado por atores profissionais, assumindo diferentes formas que se desenvolvem através de um processo evolutivo e construtivo, da criança até o artista adulto. (KOUDELA, 2011, p. 235).

A ordem das atividades, colocando o fazer artístico por último, tem como objetivo tornar este mais aprofundado e elaborado, como apresenta Portela (2020, p. 5-6), o trabalho pode se iniciar pelo fazer artístico, no entanto o professor deve estar ciente de que desta forma ele terá um resultado com um conhecimento menos aprofundado do contexto e dos temas que caracterizam a obra. No entanto, é importante deixar claro que a abordagem triangular abre espaço para que o professor escolha a ordem que pretende trabalhar os três pilares, podendo inclusive voltar diversas vezes para pilares já trabalhados, pela retomada em ziguezague.

3. DIAGNÓSTICO

A primeira turma nomeada Margarida, com 16 alunos de 6 a 7 anos, entusiasmada, desde o tirar de sapatos, entrar em contato novamente com os professores, ao se reunir em roda para iniciar, mantiveram-se atentos à contação de história e se demonstraram comunicativos e participativos. A desenvoltura apresentada para a realização das propostas impressiona os educandos, que enxergam um campo de trabalho amplo, de crianças desejosas por aprender com a arte. O decorrer da aula é tranquilo, fluido e potencializador, de terreno fértil para o que está por vir, com os próximos jovens.

Os 20 alunos de 8 a 9 anos da turma Malala, enérgicos, animados e envoltos durante a discussão da história, expondo seus pensamentos e imaginação sobre o personagem Abu, reconhecem suas veracidades no teatro, por exemplo a Amarelinha Africana, que, naquele momento, era explicitada em contexto cênico, mas não distante das memórias das crianças, o que acentua a arte como experiência, por Dewey, na qual é perceptível a atribuição de significado no jogo.

A turma Paulo Freire, contendo 17 alunos de 10 a 12 anos, mostrou-se interessada pela história e pelas atividades propostas, se comunicando com diversos questionamentos, sobre o teatro, a peça assistida, os jogos e, principalmente, sobre os elementos da história de Abu, e destacam pontos de identificação.

A última turma, de 18 aprendizes, 12 a 14 anos, chamada Marielle Franco, necessita de alguns ajustes que pudessem contemplar, da melhor forma, as orientações da aula. Alguns relatam proximidade, em circunstâncias vividas, do que lhes é apresentado. A imagem aquece para os jogos, incita grandemente os alunos para construções pessoais que acarretam no coletivo.

Interagindo como fariam se estivessem os dons do personagem Abu, todas as salas, em semelhança, estavam dispostas e ansiosas para cada etapa. As percepções de comandos e sugestões presentes na abordagem, agora contida na realidade do CCA Irmã Derly Fabres, de turmas de características simétricas, mas de proponentes divergentes, singulares, validam a qualificação educacional que o Ver e o Fazer proporcionam. Arte-educação como experiência, então, de fato, é a ação que propõe, no acontecimento do empírico, os ensinamentos e os visuais estabelecem pontes entre professores-alunos, entre os dizeres práticos e os acadêmicos, e a Triangulação é a via para concretização desta abordagem dentro da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem teatral, como um exercício coletivo, adentra os nortes do currículo de ensino de arte, permeia com condutas corporais e vocais, as trajetórias de educar os pequenos, por resignificar brincadeiras reconhecíveis, de falas lúdicas, que conectam o passado e o presente, o que está distante e o que está perto, além de fazer com que o grupo-alvo coloque a mão na massa ao exercitar, praticamente, as propostas educacionais.

Pela experiência descrita neste artigo, e a ação de ensino-aprendizagem em Teatro-Educação realizada no Centro da Criança e do Adolescente Irmã Derly Fabres, notamos a importância da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa como uma dinâmica eficaz e transformadora no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Promovendo a descolonização das práticas educacionais e fazendo um resgate da identidade cultural, evidenciada na trajetória de Barbosa, que traz a necessidade de uma educação centrada na experiência e na comunicação, entre professores e alunos, para o desenvolvimento das crianças, e fundamentado na prática dos pilares Ver, Fazer e Contextualizar, surge um procedimento integrador, transformador e eficiente para o ensino da arte como experiência, inspirada por John

Dewey, e o Teatro-Educação como um processo ativo para promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do público alvo.

A história do pequeno Abu, a contação do enredo, a visualização dos elementos, a prática do brincar teatral, a retomada ao ver, a recontextualização e então a última ação de jogo, foram o percurso escolhido que para os alunos do CCA Irmã Derly Fabres pudessem vivenciar novas experiências, principalmente de modo lúdico e teatral, que os levasse para lugares empíricos, seguidos de formulações de opiniões e interrogações, que geram verossimilhança, e assim praticassem, jogando, a grandiosidade de se aprender arte, fazendo arte.

Portanto, deixamos registrado o Teatro, como experiência, contextualizado, visto e vivido, singular e pluralmente, desmistificado, dialogado com a história presente e atual, com o propósito de reorganizar as possibilidades de ensino básico e artístico, comunicar efetivamente em uma linguagem proximal e inteligível para as crianças, transpor projetos europeizados de aprendizado em terras brasileiras, redefinir direções engessadas de práticas em sala de aula, principalmente, garantir de que, neste vigente período histórico e em futuras gerações, a Educação, a Arte-Educação e o Teatro construam, em uníssono, uma experiência legítima, viva, coletiva e transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARIA FLOS CARMELI, ASSOCIAÇÃO. **Institucional**. São Paulo, SP. [citado em: 18 de outubro de 2023]. Disponível em:

<https://floscarmeli.wixsite.com/amfcoficial>

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte: Anos Oitenta e Novos Tempos**. Perspectiva. ISBN 85-273-0047-8. ed 6. São Paulo, 2005.

_____. **Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras**. Revista Polyphonia. v. 27, n. 2, p. 19–39. Goiânia, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/44693>. Acesso em: 11 de Novembro de 2023.

FONSECA, Cláudia Chaves; TOSTA, Sandra Pereira. **Comunicação, arte e educação em John Dewey**. Revista Linhas. v. 20, n. 42, p. 238-254. Florianópolis, 2019.

SÃO PAULO, IDENTIDADE. **Liberdade**. Disponível em: <http://identidadesp.com.br/liberdade/>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

G1, JORNAL. **Menino achado em mala na Espanha vive agora em centro para imigrantes**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/05/menino-achado-em-mala-na-espanha-vi>

[ve-agora-em-centro-para-imigrantes.html](#). Acesso em 15 de novembro de 2023.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **A Nova Proposta de Ensino do Teatro**. Sala Preta, v. 2, p. 233-239. 2002. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57096>. Acesso em: 25 de Novembro de 2023.

PORTELA, Neto. **Abordagem Triangular Para Uma Aprendizagem Coparticipativa**. Cadernos Cênicos. v 2, n. 2, 15. 2020. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/CadCenicos/article/view/10602>. Acesso em: 26 de Novembro de 2023.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. **Conheça o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) na sua região na volta às aulas!** Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=324842. Acesso em 18 de outubro de 2023.

SILVA, Tharciana Goulart; LAMPERT, Jocielle. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro**. Revista Matéria-Prima. ISSN 2182-9756 e-ISSN 2182-9829. v 5, n. 1, p 88-95. 2017.

ZIBORDI, Marcos. **História Negra ressurge no bairro oriental da Liberdade, em São Paulo**. Disponível em: <https://www.anf.org.br/110495-2/>. Acesso em 20 de outubro de 2023.